

A SELVA: Apropriações simbólicas e representações do seringal na literatura amazônica

Isabel Cristina Martins Guillen¹

As preocupações que conduzem este pequeno ensaio podem ser resumidas numa assertiva: quais as relações entre uma dada representação literária e o contexto social que a produz e que a faz circular. (Darton, 1990; Chartier, 1990) As questões que formulamos ao ler o romance de Ferreira de Castro, *A Selva*, se desdobram entre as representações socialmente construídas que envolvem a produção e circulação de uma dada representação, e suas apropriações simbólicas. O que significa repensar a representação, não como espelho, reflexo do real, mas também como constituinte das práticas sociais. Ou, para parafrasear Castoriadis, como instituição imaginária. (Castoriadis, 1986)

Estas questões são de fundamental importância quando se trata de pensar as representações sociais da Amazônia, e dos homens que nela fizeram sua história. Ambigualmente posicionada entre o paraíso e o inferno, a Amazônia é, talvez, o último reduto de mistérios e encantamentos, não se furtando a ser objeto de uma *invenção*, ou de uma *geografia imaginativa*. (Said, 1990; Gondin, 1994) Muitos livros contribuíram para que essa invenção se firmasse, e cremos que *A Selva*, de Ferreira de Castro, é uma das obras de especial significação neste contexto.

É importante ressaltar que, no centenário de nascimento de Ferreira de Castro, não é tanto o caráter comemorativo que nos move a escrever este artigo, mas um pensar sobre o ponto que sua obra ocupa no imaginário amazônico. Ferreira Reis já observou o estatuto privilegiado que a literatura detém na história Amazônica (Reis, 1972), e *A Selva* contribuiu sobremaneira para criar uma imagem da Amazônia cujos matizes vamos delinear.

1 Pesquisadora da FJN, doutoranda em História na UNICAMP.

Não por descrever com maestria a natureza amazônica, ou seja, pelo exótico da paisagem, mas por ter se detido nas relações sociais engendradas nos seringais, e focar a narrativa nos homens que faziam parte da selva amazônica, mostrando essa história como pertinente à experiência humana. A selva descrita neste livro não é destituída de mistérios e atributos naturais grandiloqüentes, apenas que o viver na floresta, sempre difícil, é partilhado por homens que constituem uma rede de solidariedade, na precariedade e instabilidade cotidianas da vida no seringal, e estes é que oferecem material à trama. Em outras palavras, Ferreira de Castro se diferencia abrindo clareiras para mostrar como os homens constituem suas relações, não dando ao clima, ou à própria selva caráter estritamente determinista para os dramas que se desenrolam nos seringais. O que Ferreira de Castro ressalta é a experiência social.

A literatura do seringal

A *Selva* não inaugurou na literatura nenhum tema original. Outros antecederam Ferreira de Castro e sempre que pensamos em seringal logo o associamos com Euclides da Cunha e Alberto Rangel.

Euclides da Cunha escreveu sobre a Amazônia alguns textos esparsos, onde se sobressai o tom de denúncia social das condições de vida dos migrantes nordestinos nos seringais do Acre. Suas observações advêm de uma breve estada na região, como chefe da equipe brasileira da Expedição Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, em 1905, de onde retirou material para escrever seus artigos publicados essencialmente em *À margem da História*, cuja primeira edição é de 1909, e também em *Contrastes e Confrontos*, em 1907. (Tocantins, 1996) Destacam-se nessa produção observações antológicas sobre a vida dos seringueiros, como o *Judas Asverus*, descrição da tristeza que acompanha os migrantes nordestinos que não podem sair dos seringais, já que estes são homens que, nas palavras de Euclides, trabalham para se escravizar. (Hardman, 1988; 1996; Leão, 1966)

Euclides escreveu também o prefácio ao livro de Alberto Rangel, *Inferno Verde*, epíteto do qual a Amazônia não conseguia se livrar até período recente. É de Rangel a excelente alegoria do *apuíseiro social*, comparando o dono do seringal a uma espécie de liana que mata ao final a árvore hospedeira, alegoria esta repetida na literatura amazônica até à exaustão.

Euclides e Rangel marcaram significativamente a representação da Amazônia, a ponto de serem com recorrência citados. Mais do que isso, foram fonte permanente de inspiração para outros escritores, referência obrigatória. Mesmo aqueles que objetivavam desconstruir a imagem infernal impressa pelos autores referidos para a Amazônia, trazem em seus textos as marcas de ambos. (Peregrino Jr., 1969) É importante ressaltar que o viés mais discutido das obras em questão, especialmente a de Euclides, é o caráter marginal que os seringais ocupariam num *telos* histórico, não sendo um acaso a escolha do título *À margem da História*, para enfeixar a série de artigos escritos por Euclides sobre a Amazônia. Os seringeiros, além de se ocuparem num trabalho ingente, como Sísifo, nada mais são que construtores de ruínas, posto que de seu trabalho não advém progresso, nem coloca a Amazônia nos trilhos históricos.

No entanto, a experiência que tiveram da Amazônia foi bastante rápida, diríamos até que estavam de passagem. A estadia de Rangel na região foi tão rápida, como engenheiro demarcando seringais, quanto a de Euclides chefiando a expedição de reconhecimento do Purus. Este é um ponto que muitos leitores de Euclides e Rangel ressaltaram, especialmente os amazônicos, para argumentar que seus escritos estavam eivados de evidentes exageros. Viver na Amazônia, e mesmo nos seringais, não era uma experiência tão tétrica. A experiência é, desse modo, um dado importante, pois ela servirá como referência para que o narrado seja tido como possível ou factível, e não meramente narrativa ficcional, sem estar ancorada no social. Afinal, ressaltava-se nessas obras, não tanto seu caráter literário, mas a abordagem sociológica.

Outros romances que têm a Amazônia como cenário, e o seringal em especial, são *O Paraíso*, de Rodolpho Teophilo, publicado em 1899, *Desertados*, de Carlos Vasconcelos, de 1921, sendo que este último traz impressa a marca de Euclides e Rangel.² Foi para desfazer uma imagem da Amazônia infernal que outros autores, autóctones, dedicaram-se a produzir uma representação da Amazônia como um paraíso verde, ressaltando-se as obras de Alfredo Ladislau, *Terra Imatura*, e Raimundo Morais, *Na planície*

2 THEOPHILO, Rodolpho. *Scenas da vida cearense e amazônica*. Fortaleza, Editora L. C. Cholowiecki, 1899; VASCONCELOS, Carlos. *Desertados*. Rio de Janeiro, Ribeiro e Maurillo, 1921. É interessante observar que Vasconcelos critica tanto Theophilo quanto Euclides e Rangel por não terem a devida experiência para escrever sobre o seringal.

amazônica, publicados respectivamente em 1918 e 1926. E para atenuar a imagem infernal, argumentaram que tanto Euclides quanto Rangel pouca experiência tiveram do seringal, e que em suas descrições havia um evidente exagero.

Assim, a obra de Ferreira de Castro se insere num contexto sócio-cultural bastante complexo, envolvendo uma luta pela apropriação simbólica da Amazônia, na definição do que a caracterizaria, determinaria sua essência, fosse ela paradisíaca ou infernal. E neste ponto a literatura adquiriu estatuto especial, a ponto de Ferreira Reis se perguntar, traduzindo uma dúvida corrente, se a literatura não desserviria à região. (Reis, 1976)

Todos os autores referidos antecederam a publicação de *A Selva*. O que diferencia a obra de Ferreira de Castro, nesta discussão, é justamente a *experiência*. (Thompson, 1981, 1987)

A experiência e a vida de Ferreira de Castro no seringal

José Maria Ferreira de Castro nasceu em 1898, em Ossela, uma pequena aldeia ao norte de Portugal. Migrando para o Brasil, teria por volta de doze anos quando se estabeleceu no seringal Paraíso, no Madeira, trabalhando no armazém, e ocupando outros postos na estrutura do seringal. Por lá permaneceu por quatro anos. Segundo ele mesmo expressou, referindo-se ao momento em que saiu do seringal:

Eu tinha então dezesseis anos. E dos quatro que passara ali, não houve um só dia que não desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir. (Coelho, 1980:18)

Ainda em Belém, trabalhou como jornalista por mais alguns anos antes de regressar a Portugal ao final da primeira guerra mundial. Em 1930 publicou *A Selva*, seu segundo romance sobre o Brasil,³ e sobre os portugueses migrantes, onde retratou a vida nos seringais do Madeira. Sua visão da Amazônia advém da experiência de quem, no seringal, um dia fez de tudo. Rapidamente traduzido por toda a Europa, o romance de Ferreira de Castro tornou mundialmente conhecidas as condições em que era produzida a

3 Publicou em 1928 *Emmigrantes*. Depois de *A Selva*, só voltou a tomar a Amazônia como tema no romance *Instinto Supremo*, onde aborda Rondon e a pacificação indígena.

borracha amazônica, contribuindo para consolidar uma imagem da Amazônia como uma região ignorada pelo mundo civilizado.

A trama se desenrola em torno de Alberto, português num exílio voluntário, que viera para o Brasil fugindo de perseguições políticas. Tenta a sorte em Belém, lembrando-se de um tio que lá vivia, e nas casas aviadoras consegue um emprego, mas a crise que se assoma logo o coloca como desempregado. Vivia na hospedaria do tio, dessas que abrigavam os retirantes para os seringais, a se consumir no ócio, quando um vapor conduzindo "brabos", ou seja, novos trabalhadores para os seringais do Alto Madeira, chega à cidade, com a carga defasada pela fuga de três homens. Seu tio como que o negocia para o agenciador de mão-de-obra, na tentativa de se ver livre das despesas que dava, e o orgulho de Alberto não lhe permite recusar: assume a dívida de um dos fujões, e parte como mais um na carga que ocupa a terceira classe do vapor Justo Chermont, rumo ao seringal "Paraíso", de propriedade do coronel Juca Tristão.

A viagem rumo aos seringais, na terceira classe do gaiola, começa a delinear, para Alberto, e para o leitor, os horrores que enfrentará. Chegando ao seringal, é lhe confiado o serviço de extração do látex, contrariando suas esperanças de trabalhar no armazém. E para aprender o serviço, colocado junto com um "manso", o Firmino, que lhe ensina o trabalho, desvenda os mistérios da selva, e junto com o Agostinho, vivem a solidão da floresta.

Ali tudo perdia as proporções normais. Olhos que enfiassem pela primeira vez, no vasto panorama, recuavam logo sob a sensação pesada do absoluto, que dir-se-ia haver presidido à formação daquele mundo. (Castro, 1949:70)

E essas paisagens repetitivas sugerem vazio, espaço desocupado, ocioso, mas também impenetrável, misterioso, e talvez perigoso. O peso do absoluto diante da criação que não considerou que os novos homens que viriam para essa floresta não tinham parâmetros para pensá-la, a não ser sua própria paisagem.

A selva dominava tudo. Não era o segundo reino; era o primeiro em força e categoria, tudo abandonado a plano secundário. O homem, simples viandante no flanco do enigma, entregava sua vida à dominadora. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de fera. A árvore

solitária que, na Europa, borda, melancolicamente, campos e regatos, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietude, impunha-se como um inimigo. Adivinhava-se que a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espreitavam por toda parte. Nada a assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o espírito busca enlevo e o corpo frescura sobre os tapetes de relva; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e com as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso anseio de fuga. (Castro, 1949:105)

Se a princípio sentia-se diferente da massa nordestina, superior até, a experiência em comum nas estradas dos seringais, sangrando as árvores, coagulando o látex, compartilhando as preocupações com a sobrevivência na selva, acabou por trazer a Alberto um sentimento mais próximo desses homens, de si tão diferentes. Alberto começou a compreender que o que o prendia não era só a solidão da selva, mas também as lianas que os amarravam ao barracão do "seu" Juca, os preços aviltados da borracha colhida em contraposição aos preços dos bens elementares, como o feijão, a farinha e o jabá, pelos quais o coronel cobrava exorbitâncias. Este era o inferno do qual não conseguiam se libertar, a dívida que os escravizava.

Após um ano colhendo o látex, Alberto foi indicado para substituir o caixeiro do barracão, já que saber ler e ter o mínimo conhecimento de contabilidade era bastante raro nos seringais; e foi ocupando essa posição, tendo intimidade com os papéis da contabilidade que pode avaliar a espoliação de que os seringueiros eram vítimas, a fome de muitos a sustentar o luxo da família de "seu" Juca em Belém.

No barracão central, a vida era partilhada com o guarda-livros e a esposa, enquanto Juca Tristão passava as noites jogando e bebendo. E também com o preto velho Tiago, antigo escravo, que tem ao coronel estranha devoção. Essa vida pacata é interrompida com a notícia da fuga de quatro homens, dentre eles o Firmino. O sistema de solidariedade entre os donos de seringal faz que sejam rapidamente presos e entregues a "seu" Juca, e postos no tronco. Durante a noite sobrevém surra magistral. Na noite seguinte, o barracão misteriosamente arde num incêndio. Na faina de controlar o fogo, dão falta de Juca Tristão, e descobrem que não conseguira sair de seu quarto. Enquanto comentam a morte do patrão, o velho

Tiago confessa: tinha passado a tranca na porta, impedindo a fuga de Juca. E justifica:

Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui, nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no Maranhão. Branco não sabe o que é liberdade, como negro velho. Eu é que sei!
(Castro, 1949:311)

Em meio ao fogo, a imagem do inferno se afirma. A escravidão dos homens a sustentar o luxo e a ganância dos patrões e da vida nas cidades; as tentativas de fuga frustradas pelas mortes e castigos, num lugar onde a lei é feita pelo mais forte, onde não havia sequer respeito pela família, já que as mulheres eram vendidas para os seringueiros que por elas podiam pagar.

Para alguns leitores de Ferreira de Castro, o inferno não era um exagero literário, era pura expressão da experiência. Dentre esses leitores destaca-se Humberto de Campos, que também viveu na juventude num seringal e faz questão de afirmar:

O que interessa na Amazônia, à literatura, é o homem, e particularmente o seringueiro e a sua tragédia. Para conhecer um e outra, fazia-se mister viver no seringal, estudar-lhe o mecanismo, entrar, enfim, na peça, como personagem e não apenas como espectador. (Campos, 1935:336)

Desse modo, o narrador, na medida em que o personagem Alberto se posiciona como o alter-ego de Ferreira de Castro, comprova, pela experiência vivida, que não havia exageros nas cenas descritas por Euclides e Rangel. Não era a voz do outro que falava pelo seringueiro, mas a voz que tem toda a autoridade para falar a verdade: a da experiência.

A narrativa de Ferreira de Castro vinha comprometer uma outra imagem da Amazônia que tentava se firmar: a da Belle Époque. Desse modo, ainda que não tenha sido o primeiro a contar ao mundo as condições de vida dos trabalhadores dos seringais, contribuiu para desfigurar a imagem da Amazônia paradisíaca.

Literatura & História: a apropriação simbólica do passado

O extrativismo da borracha teve seu auge no início do século, quando rápidas fortunas foram ganhas devido aos altos preços que

a borracha alcançou no mercado mundial. Até que as plantações de seringueiras na Malásia começaram a produzir, arrastando os preços para baixo e consigo a civilização tropical na Amazônia. Terminada a primeira guerra mundial, a produção amazônica da borracha descera a níveis insignificantes, trazendo para Belém e Manaus um período de decadência.

O que estava em pauta no momento em que Ferreira de Castro escreveu *A Selva*, era a apropriação simbólica da história do *boom* da borracha elaborada concomitantemente à obra de Castro, ou seja, no período da decadência. É nesse momento que se constrói uma imagem de civilização para a Amazônia, assentada nas cidades de Belém e Manaus, com suas largas avenidas, belos palacetes, e magníficos teatros, como signos figurando uma pequena Europa. Não é à toa que ainda hoje se referem a esse período lembrando uma Paris dos Trópicos.

Todo passado é uma reconstrução, e esse passado de fausto da Amazônia precisa ser melhor pensado, no sentido de estabelecer suas ramificações, seus enraizamentos, tanto simbólicos quanto políticos. Ferreira de Castro, com a literatura, o fez, na medida em que, ao escolher seu percurso narrativo, situa as cidades de uma forma bastante específica.

Nas páginas de *A Selva* não encontramos esse mundo das cidades opulentas da Amazônia. A trama apenas toca de passagem pelos portos de Belém e Manaus, os trabalhadores observam do navio a vida que lá se desenrola. Apenas Alberto, o personagem central, tem a coragem de afrontar o aliciador de mão-de-obra descendo do navio em Manaus, e tão só para constatar que não tem chances de escapar do seringal, pois conhecemos mais um elo da corrente que prendia os trabalhadores: a casa aviadora. Ferreira de Castro parece confirmar a afirmação de Márcio Souza de que os retirantes nordestinos não macularam a civilização das cidades. (Souza, 1990:101).

É, portanto, o avesso do mundo dito civilizado que vemos em Ferreira de Castro, o silêncio da floresta diligentemente percorrida por nordestinos a sangrar a seringueira, recolher o látex, elaborar a péla. É nessa faina cotidiana decifrar os enigmas que a floresta propõe, num jogo de vida e morte, em que só sobrevivem aqueles que se adaptam. É no processo de trabalho, que se conhece a floresta, adapta-se ao novo mundo natural, e, mesmo sonhando em voltar para suas terras, os trabalhadores estabelecem laços de solidariedade, de permanência com a gente e com o mundo. O que

temos, dessa forma, em Ferreira de Castro é o desnudamento do sustentáculo da *Belle Époque*. Os desmandos, a violência, a mesquinha espoliação da vida dos trabalhadores que sustentava o fausto dos coronéis de barranco. Permeada sempre pelo duro viver na selva.

A Selva é o romance de um homem aparentado a este espírito absurdo, filho desta solidão siberiana, de rios imensos, esperanças que iam morrendo na rotina miserável do corte da seringa, no silêncio. (...) Ele arrancou da clandestinidade este frio deserto e, com ele, a literatura amazônica marcou seu primeiro encontro público com os leitores do mundo. (Souza, 1990:124)

E os palacetes das cidades deslumbrantes nunca mais tiveram o mesmo brilho.

Bibliografia

BRASIL, Jaime. "Ferreira de Castro. O homem e as obras" in: FERREIRA DE CASTRO. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1958, pág.11-47.

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Livraria Editora Guimarães, 1949.

CAMPOS, Humberto. "Um romance amazônico" in: *Críticas. Segunda Série*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1935, pág.335-366.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 198.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. "A presença do Brasil na vida e na obra de Ferreira de Castro". *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, 41(1/2):09-38, jan.-jun.1980.

CUNHA, Euclides da. *Um Paraíso Perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996.

DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

GONDIN, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo, Marco Zero, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma. A modernidade na selva*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

_____. Brutalidade antiga: sobre história e ruínas em Euclides. *Estudos Avançados* 10 (26): 293-310, 1996.

LEÃO, Velloso. *Euclides da Cunha na Amazônia*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1966.

PEREGRINO JÚNIOR. *Três Ensaios*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1969.

RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Tours, Typ. Arrault & Cia, 1927, 4ª ed.

REIS, Arthur César Ferreira. A literatura amazônica merece à região. *Cultura* 1(2):4-7, abril-junho de 1972.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Márcio. *A Expressão Amazonense. Do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.

THEOPHILO, Rodolpho. *O Paraora. Scenas da vida cearense e amazônica*. Fortaleza, Editora L. C. Cholowiecki, 1899.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

_____. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

VASCONCELOS, Carlos. *Deserdados*. Rio de Janeiro, Ribeiro e Maurillo, 1921.